TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

"AS TRANÇAS DE BINTOU": IDENTIDADE E CULTURA[1]

BINTOU'S BRAIDS: IDENTITY AND CULTURE

Ruth Ceccon Barreiros[2]
Nancy Rita Ferreira Vieira[3]

RESUMO: As transformações identitárias em processo são evidentes na esfera mundial. Considerando-se este aspecto, o presente estudo pretende, tendo por base a obra literária infantil de temática afro-brasileira "As tranças de Bintou", refletir sobre a questão de identidade étnico-racial negra no Brasil, partindo da seguinte questão: a literatura infantil de temática afro-brasileira possibilita a formação identitária do leitor/criança afrodescendente em uma perspectiva afirmativa? Com esse questionamento, procura-se compreender os aspectos da formação de identidade e de 'pertencimento', revelados na obra. Essas reflexões pautam-se nos estudos propostos por Hall (2003, 2006), Santos (2005), Lody (2004) dentre outros, a fim de que se depreendam as repercussões da globalização na identidade cultural ao associá-las à obra literária escolhida para o estudo.
PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Cultura. Literatura Infantil Afro-brasileira.

ABSTRACT: The identitary transformations, under process, are evident around the world. According to this aspect, the present study aims, based on "Bintou's Braids", an African-Brazilian children's literature, at reflecting on black ethno-racial issue in Brazil, taking into account this following question: does the African-Brazilian children's literature allow identitary background of the African descent reader/child in an affirmative perspective? Based on this question, it is important to understand the aspects of identity background and 'belonging', revealed in this work. These reflections are justified on the studies proposed by Hall (2003, 2006), Santos (2005), Lody (2004) among others, to show the impact of globalization on cultural identity by associating them to the literary work that was chosen for the study.
KEYWORDS: African-Brazilian children's literature. Identity. Culture

---

[1] As reflexões deste artigo foram apresentadas no XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais: Diversidades e Desigualdades, realizado em agosto de 2011, Salvador-BA.

[2] Docente do Colegiado de Letras da UNIOESTE – Cascavel – PR., doutoranda em Letras pela UFBA – Salvador -BA, participante do grupo de pesquisa Confluências da Ficção, História e Memória na Literatura, linha de pesquisa: Literatura, Ensino e Cultura – UNIOESTE – Cascavel – PR. E-mail: ruthcb1@hotmail.com

[3] Orientadora da Tese. E-mail: nancyrfv@gmail.com

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

"Respeitem meus cabelos, branco
Se eu quero pixaim, deixa
Se eu quero enrolar, deixa
Se eu quero assanhar, deixa
Se eu quero cobrir, deixa
Deixa, deixa a madeixa balançar"
Chico César

INTRODUÇÃO

O fenômeno da globalização mudou as formas de interação e convivência entre os indivíduos bem como apresenta reflexos nas diversas culturas, que são (re)valorizadas em suas particularidades locais. Nesse contexto, a identidade cultural, que é constituída nas relações entre os indivíduos que compartilham do mesmo patrimônio como a língua, os costumes, os valores, as artes, a religião, o folclore, o trabalho, entre outros, também é transformada. Algumas expressões são marcantes nessa dinâmica global das sociedades e dos dilemas do pensamento. Ianni (1999) apresenta algumas delas:

> Novo Mundo, Ocidente, Oriente, África, Mercantilismo, Globalismo, Nacionalismo, Tribalismo, Trabalho Escravo, Trabalho Livre, Escravo e Senhor, Alienação e Revolução. E estas podem ser outras: palavras, palavras, palavras. Penso, logo existo. Imperativo categórico. Quando as sombras da noite começam a cair é que levanta vôo o pássaro de Minerva. Tudo que é sólido desmancha no ar. Desencantamento do mundo. Modernidade, Pós-modernidade. São expressões, dentre muitas outras, nas quais se sintetizam inquietações, realizações, explicações, ilusões e alucinações (IANNI, 1999, p.11, *in* VALENTE, André, 1999).

As expressões elencadas por Ianni inserem-se nas várias teorias do pensamento moderno e/ou pós-moderno, permeadas pelo 'caos', cujos reflexos estão nas várias áreas do conhecimento, inclusive na literatura e crítica literária, que propõem novos olhares para o que já se julgava bastante conhecido.

Nesse contexto de globalização, as identidades culturais mostram-se com contornos pouco nítidos e inseridos em uma dinâmica cultural fluída e móvel. Para Hall (2006, p.7), "as velhas identidades que, por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado". Considerando-se as transformações identitárias em processo mundial, o presente ensaio pretende, a partir da obra literária infantil de temática afro-brasileira "As Tranças de Bintou", situar a questão da identidade étnico-racial negra no Brasil e responder à pergunta: a literatura infantil de temática afro-brasileira possibilita a formação identitária do leitor/criança afrodescendente em uma perspectiva afirmativa? Com esse questionamento, procuraremos compreender os aspectos da formação de identidade e de 'pertencimento', revelados na obra.

Para essas reflexões, pautar-nos-emos nos estudos propostos por Stuart Hall em "A Identidade Cultural na Pós-modernidade" (2006) e "Da Diáspora: identidades e mediações culturais" (2003), bem como em outras fontes que versam sobre cultura e literatura, procurando depreender as repercussões da globalização na identidade cultural e associando-as à obra literária escolhida para as reflexões.

DIÁSPORA, CULTURA E LITERATURA

O fenômeno diaspórico pode ser compreendido como o espalhamento dos povos por países que não lhes são de origem, seja por opção em busca de melhores oportunidades, seja de forma forçada. No Brasil, quando se trata da etnia negra, nosso foco nesse estudo, aconteceu no período de uso da mão de obra escrava, quando muitos deles vieram de diversas regiões da África. Em ambos os casos, isto é, quando a migração ocorre em busca de melhores oportunidades ou de forma forçada, como é o caso do Brasil, esse processo interfere diretamente na construção da identidade cultural, uma vez que a nova cultura não é totalmente aceita e preserva alguns aspectos das origens e tradições. Conforme Hall (2003, p. 28), "essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu interior". É essa concepção iluminista de identidade que se vê abalada na 'modernidade tardia'. Para o mesmo autor, "a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia" (2003, p. 13). Em

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

contexto de transformação, o fenômeno da diáspora reflete-se não apenas na história, mas também na literatura.

No Brasil, por ocasião da abolição da escravatura, os negros e seus descendentes precisaram buscar espaço no mercado de trabalho. Com a imigração europeia, promovida pelo governo republicano, visando à promoção de branqueamento da população e eliminação da herança africana no Brasil, aos negros restavam os subempregos. Esse cenário começou a mudar com o desenvolvimento econômico em São Paulo, nas primeiras décadas do século XX, com a grande necessidade de mão de obra nos setores industriais. A maior parte dos postos de trabalho era ocupada pelos brancos, mas os negros conseguiram, mesmo de forma limitada, conquistar espaços em indústrias, ferrovias, empresas de eletricidade etc.

A inserção no mercado de trabalho possibilitou-lhes a organização em associações políticas, ora em conjunto com a população branca ora de forma independente, lutando para divulgar a situação de exclusão vivida pelos negros e sua cultura. Nas décadas de 60 e 70, "os jovens brasileiros começaram a participar mais de grupos e associações, atraídos pelas notícias sobre o movimento negro internacional, em especial o Movimento pelos Direitos Civis nos EUA e pelas lutas de libertação das colônias portuguesas na África" (MATTOS, 2009, p. 191). Desses movimentos resultam a valorização das culturas populares, das características negras e as miscigenadas de afrodescendentes.

É possível perceber que a luta dos movimentos sociais pelo reconhecimento da importância da cultura negra na História do Brasil e, consequentemente de uma formação de identidade, não é recente. Dentre as várias reivindicações essenciais para esse reconhecimento, está o acesso à educação formal como meio de oportunizar escolarização aos negros e afrodescendentes. Em 20 de novembro de 1995, por ocasião da realização do Evento "*Marcha Zumbi dos Palmares Contra o Racismo, Pela Cidadania e a Vida*", foi apresentado ao Estado Brasileiro um Programa de Superação do Racismo e da Desigualdade Racial que continha várias propostas antirracistas. No que tange à educação, está entre as solicitações o

> desenvolvimento de programas permanentes de treinamento de professores e educadores que os habilite a tratar adequadamente com a

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

> diversidade racial, a identificar as práticas discriminatórias presentes na escola e o impacto destas na evasão e repetência das crianças negras. (Educação Anti-Racista: caminhos abertos pela Lei Nº 10639/03, SANTOS, 2005, p. 25).

O processo educativo, foco das reivindicações do Programa de Superação do Racismo e da Desigualdade Racial, foi dinamizado a partir da Lei 10639/03, ainda que já se faça presente em outros documentos anteriores, por exemplo, na Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. A Lei 10639/03 propõe reflexões relevantes para a implementação de ações educacionais que busquem a superação do racismo e a valorização da identidade afrodescendente, incluindo o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, a fim de resgatar a contribuição desse povo nas áreas social, econômica e política pertinente à História do Brasil.

De acordo com a SECAD – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, do Ministério da Educação e Cultura/ MEC, a temática proposta pela Lei nº 10.639/03 deve ser inserida no cotidiano dos alunos por meio das disciplinas que compõem o currículo escolar, sobretudo nas disciplinas de história, *literatura e artes*.

Nessa perspectiva, a Literatura Infantil, em suas variadas formas de expressão, torna-se um importante instrumento para o trabalho educacional com as crianças das séries iniciais, considerando-se que ela representa uma ação catalisadora no descobrimento das causas dos conflitos pessoais das crianças. Considerada como forma de ludicidade importante na vida dos pequenos por manipular a linguagem verbal, pelo papel que desempenha no crescimento psicológico, intelectual e espiritual da criança; pela riqueza de motivação, de sugestões e de recursos que oferece, podendo, portanto, contribuir sobremaneira na formação identitária e leitora do infante.

A Literatura Infantil mais presente no meio escolar, de referências culturais marcadamente etnocêntricas, busca construir uma imagem de integração e o faz a partir do embranquecimento das personagens negras. Tal apagamento impediu e impede, há décadas, que a criança afrodescendente se veja ali representada e aos não negros de adquirirem respeito e conhecimentos sobre tal cultura, por meio da literatura infantil. No contexto brasileiro, ainda é necessário compreender e considerar que a cultura africana não

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

diz respeito apenas aos afrodescendentes, uma vez que o Brasil é pluriétnico, sendo assim, tanto brancos quanto afrodescendentes compartilham da cultura multirracial.

Nesse sentido, o movimento de 'descentramento' dos conceitos das identidades modernas veio possibilitar um novo cenário e exigir uma revisão de conceitos até então aceitos como estáveis. Nesse contexto, insere-se a aprovação da Lei 10639/2003, sem desconsiderar os movimentos étnico-raciais, anteriormente empreendidos, que apresentam como reflexos, hoje, mais que antes, a presença da Literatura Infantil de temática afro-brasileira nas escolas, o que é bastante positivo, ainda que o acervo seja, por enquanto, insuficiente.

"AS TRANÇAS DE BITOU": IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA

A obra literária "As tranças de Bintou", de Sylviane Diouf, tem como título original "*Bintou´s Braids*", traduzida por Charles Cosac e ilustrada por Shane W. Evans, da Editora Cosac Naify, foi publicada em 2004. De acordo com informações coletadas sobre a obra, a cultura ali representada é das meninas Senegalesas. O esquema narrativo adotado apresenta, na situação inicial, um desenvolvimento, um clímax e um desenlace. Contudo, não traz marcas evidentes de tempo nem de espaço, embora seja possível inferir pelas ilustrações que se trata de uma região da África. As traduções já existentes estão na França e no Brasil, sendo a primeira publicação americana, realizada pela Chronicle Books, em 2001.

A história tem como protagonista a menina Bintou, de etnia negra, cujo sonho é ter tranças "enfeitadas com pedras coloridas e conchinhas". Já nas primeiras páginas do livro, ela anuncia: "meu cabelo é curto e crespo. Meu cabelo é bobo e sem graça. Tudo o que tenho são quatro birotes na cabeça". A partir daí, o enredo centra-se nos conflitos da menina Bintou em relação à tradição cultural negra, na qual as meninas não podem usar tranças enfeitadas por contas coloridas, posto que o uso é permitido apenas às mulheres jovens e adultas. Sentindo-se feia com seus birotes, passa a observar as mulheres mais velhas, uma delas é a jovem irmã Fatou, que usa tranças e por isso é, na concepção de Bintou, mais bonita. Para Fagundes (2001),

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

> o cabelo do afrodescendente certamente é parte intrincada do perfil estético que compreende a identidade negra. A relação que cada um tem com seu cabelo é muito particular. O fato de saber ou não lidar com ele determina a forma como é aceito. Além disso, as possibilidades de informação que cada um tem e as experiências vividas desde a infância até a idade adulta fazem com que as pessoas criem diferentes conceitos sobre a forma como encaram seu cabelo e traços, descendentes das populações que vieram do continente africano. "Há também que se considerarem as noções de alteridade que cada um tem que, em geral, causam um 'despertar' para o reconhecimento de uma identidade própria, frente ao espelho e à sociedade" (Disponível em: http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2010/11/Penteado-Afro-Cultura-Identidade-e-Profiss%C3%A3o.pdf .Acesso em 10 de out. 2011).

Neste sentido, considerando-se que os cabelos bem como a arte de trançar cabelos crespos e lanosos não são somente a marca da identidade dos africanos e afrodescendentes como representam um dos laços culturais que une o Brasil à África.

Em "As tranças de Bintou", a história inicia-se com a protagonista que recebe a avó em sua casa que veio para a festa de 'batizado' do irmão recém-nascido. É preciso lembrar que o termo 'batizado', utilizado na tradução da obra no Brasil, não tem o mesmo significado religioso na cultura africana. Nessa cultura, a escolha do nome do recém-nascido carrega o sentido de reverência aos ancestrais que servirão como referência para escolha do nome da criança. Esse aspecto cultural precisa ser explorado, por ocasião da leitura desta obra com crianças, uma vez que revela diferenças significativas, que envolvem as questões de religiosidade cristã, legada por Portugal aos brasileiros e à cultura africana.

A cerimônia é descrita de forma a dar ao leitor conhecimento de como é esse ritual na África. Uma festa que reúne muitos parentes e na qual é servida muita comida com duração de até nove dias, quando se trata do nascimento de um menino e de sete dias quando se trata de uma menina. No caso do nascimento de gêmeos, a festa terá duração de oito dias.

O clímax da narrativa acontece ao término da cerimônia, quando Bintou vai à praia, local em que a menina gostava de brincar. Na praia, Bintou presencia o afogamento de dois amigos e corre até a vila para pedir socorro. Os meninos são salvos pelos pescadores que Bintou conseguiu trazer até a praia. Por este feito, Bintou é aclamada por parentes e amigos da vila pelo ato heróico. Em função disso, a mãe de Bintou concede-lhe a realização de um

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

sonho. Quando a mãe lhe pergunta o que deseja, sua irmã Fatou responde: "ela sonha ter tranças". Nessa noite, ela sonha ter tranças e passarinhos coloridos aninhados em seu cabelo. No dia seguinte, sua avó chama-a e senta-a entre as pernas para arrumar-lhe o cabelo. Primeiro passa óleo perfumado, mas Bintou sente que ela não estava fazendo tranças e sim birotes. Ao terminar o trabalho a avó lhe dá um espelho e pede para que olhe, então pode ver uma menina com birotes enfeitados com pássaros coloridos, mas não se decepciona.

Logo no início da obra é possível perceber a baixa autoestima da protagonista-narradora, quando Bintou afirma não se sentir bonita por não pode usar as tranças coloridas, as quais, de acordo com a cultura africana, são reservadas às mulheres jovens e adultas.

No desenrolar da trama, o grau de infelicidade vai aumentando à medida que Bintou observa e inveja outras mulheres com tranças e, inconformada, questiona aos mais velhos sobre essa condição. Na obra, as explicações procedem da personagem da avó, mais velha, e por isso detentora de sabedoria – outro marco de identidade cultural – quanto aos porquês de as meninas não poderem usar as tranças. Nesse momento ela é informada de que os *birotes* significam um ritual de passagem da infância para a adolescência, suscitando a ideia de que a criança deve vivenciar todas as etapas da vida, sem pressa de chegar à idade adulta. Como justificativa para o fato de as meninas não poderem ter tranças, a avó explica: "há muito tempo existia uma menina chamada Coumba que só pensava no quanto era bonita, (...) todos a invejavam e ela foi se tornando uma menina vaidosa e egoísta. Foi nessa época, e por isso, que as mães decidiram que as crianças não usariam tranças, só birotes, porque assim elas ficariam mais interessadas em brincar e aprender".

Essa referência cultural é fundamental na história, pois possibilita reflexões sobre a condição de ser/criança em processo de maturação, uma vez que toda criança, de qualquer etnia, deseja ser, o mais rápido possível, um adulto. Por um lado, a explicação dada pela avó, embora esteja calcada na cultura africana, pode levar crianças de outras etnias às reflexões sobre a necessidade de respeitar as etapas da vida. Por outro, por estar pautada em uma identidade cultural, tendo como foco os cabelos na etnia negra, colabora na afirmação da identidade de crianças afrodescendentes.

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

Cabe salientar que a história apresenta várias outras marcas identitárias da cultura negra, que poderão ser exploradas em futuras reflexões, porém, nesse estudo, ficaram reservadas às relativas ao cabelo.

No final, a história aponta para uma questão fundamental na construção da identidade afrodescendente expressa pela atitude de Bintou que, diante da tradição cultural herdada, mesmo não tendo conquistado as tão sonhadas tranças, recupera a autoestima e reconhece a beleza estética nos birotes enfeitados. Respeita, assim, o aspecto tradicional de sua cultura e permanece na condição de criança em crescimento e feliz. Isso é demonstrado no pensamento de Bintou: "Foi-se a menina sem graça com quatro birotes na cabeça. No espelho, aparece uma garota com um lindo cabelo olhando para mim. Eu sou Bintou. Meu cabelo é negro e brilhante. Meu cabelo é macio e bonito. Eu sou a menina dos pássaros no cabelo. O sol me segue e estou muito feliz".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra analisada, que tem uma protagonista-narradora, procura dar voz à criança para que exponha seus conflitos identitários. Essa perspectiva narrativa mostra-se interessante por aproximar o público leitor infantil de modo geral, quando traz questionamentos fundamentais sobre o que é ser criança. Em relação à questão de identidade das crianças afrodescendentes, cujas representações são pautadas pelo cabelo, possibilitam, às crianças descendentes da etnia negra, ver-se representada, fortalecendo a questão do pertencimento. Para Lody (2004, p. 30), "a cabeça é território livre, ancestral e contemporâneo, dinâmico e tradicional. Define a identidade e traduz o sentimento de pertencer a um grupo".

Nesse sentido, a obra "As tranças de Bintou" colabora, com posturas afirmativas, para a construção e valorização da identidade afrodescendente. Isso é relevante em um país como o Brasil em que a diáspora africana ocorreu de forma impositiva e violenta, com a extinção e apagamento de pilares fundamentais da matriz africana ao longo dos séculos.

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

Desse modo, acreditamos que as obras de literatura infantil que resgatam traços dessa cultura são de suma importância na formação cultural e identitária das crianças, especialmente em contexto escolar, sobretudo para as afrodescendentes, por se verem representadas nessas obras literárias.

Assim, a presença da obra "As tranças de Bintou" no mercado editorial e nas escolas confirmam a emergência das literaturas de minoria no contexto pós-moderno ou de modernidade tardia, como resultado dos movimentos de Negritude intensificados a partir da década de 60.

REFERÊNCIAS

FAGUNDES, Raphaela M. **Penteado Afro**: Cultura, Identidade e Profissão. Disponível em: http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2010/11/Penteado-Afro-Cultura-Identidade-e-Profiss%C3%A3o.pdf. Acesso 10 de out. 2011.

FERNANDES, Florestan. **A integração do Negro na sociedade de classes**. São Paulo: Ática, 3ª Ed. 1978.

Guaracira Lopes Louro-11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IANNI, Octavio. Língua e sociedade. *In* VALENTE, André (org.). **Aulas de português**: perspectivas inovadoras. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: Identidades e mediações culturais. (Org.) Liv Sovik; tradução Adelaine La Guardiã Resende... [et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília: Representações da UNESCO no Brasil, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva.

LODY, Raul G. da M. **Cabelos de Axé**: Identidade e resistência. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2004.

MATTOS, Regiane Augusto de. **História e cultura afro-brasileira**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SANTOS, Augusto Sales. **A Lei nº 10.639/03 como fruto da luta anti-racista do movimento negro**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. (*in* Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03).